

FEMINISMO E EDUCAÇÃO: DESAFIOS DA PEDAGOGIA NA CONSTRUÇÃO DE UMA FORMAÇÃO MAIS EQUÂNIME¹

Larissa Hortência Moreira da Silva²
Eldon Henrique Mühl³

RESUMO

Feminismo é um movimento social que busca o direito e o empoderamento feminino. A luta pela liberdade feminina iniciou no século 19 e, desde então, muitas conquistas foram obtidas. Mesmo assim, as mulheres enfrentam o preconceito diariamente, pois vivem em uma sociedade predominantemente machista. Diante da importância desse movimento, nos perguntamos: o feminismo é um tema que deve ser abordado na escola? De que forma essa discussão contribui na formação dos sujeitos? O presente artigo tem como objetivo problematizar a questão do feminismo como tema de formação no contexto escolar, buscando compreender o significado do feminismo, contextualizar a sua história e problematizar o discurso e as práticas acerca do feminismo que cabe ser desenvolvido nas escolas. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica que analisa a importância do feminismo no currículo escolar, apontando possíveis proposições pedagógicas que a literatura apresenta para a efetivação de uma educação de dignificação da mulher e a realização de uma educação feminista no contexto escolar.

Palavras-chave: Feminismo. Educação. Escola. Gênero. Igualdade.

Introdução

O feminismo tem assumido uma grande importância para todas nós, mulheres, pois o problema da discriminação feminina tem sido uma das maiores barreiras da formação humana em toda a história. A luta feminista tem uma longa história, mas se intensificou a partir do século 19 e, especialmente, no século 20. Mesmo com estes avanços, é um tema ainda pouco desenvolvido nas escolas. Existem muitas resistências e alguns consideram que não cabe tratar como um conteúdo da formação a ser oferecida pela escola. Porém, as lutas das mulheres têm progressivamente enfrentado o desafio de incluir o feminismo como um tema importante para a formação escolar. Por isso, a escola deve ser um dos lugares em que devemos abordar o assunto e incentivar meninas e meninos a promoverem rodas de conversa e de estudos que ajudem a compreender a discriminação feminina, promovendo uma nova cultura de dignificação da mulher, influenciando todo o contexto escolar.

O artigo tem como objetivo problematizar as discussões acerca do feminismo no contexto escolar, compreendendo o significado do movimento do feminismo e

¹ Artigo elaborado para a conclusão do Curso de Graduação de Pedagogia da Universidade de Passo Fundo.

² Graduada em Pedagogia pela Universidade de Passo Fundo.

³ Professor do curso de Pedagogia da Universidade de Passo Fundo e orientador do TCC.

contextualizando a sua história, analisando as concepções e as práticas pedagógicas acerca do feminismo desenvolvidas nas escolas.

Este artigo é um trabalho bibliográfico que apresenta algumas reflexões sobre o feminismo em sua relação com educação e a formação feminista nas escolas. Para a construção desse trabalho foram explorados artigos, *podcasts* e vídeos. Entre as autoras pesquisadas estão: Tânia Suely Antonelli Marcelino Brabo (2008) Marília Pinto de Carvalho (2001), Céli Regina Jardim Pinto (2009), Eliana Godinho e Márcia Alves da Silva (2011, 2013) e Fúlvia Rosenberg (2001).

O texto está dividido em três tópicos, sendo eles: 1. O que é feminismo? 2. O feminismo como movimento social nas escolas, e 3. Proposições para o desenvolvimento de uma educação feminista: a curricularização da questão feminista e a formação para a igualdade de gênero.

A conclusão aponta os aspectos relevantes do texto e também o nosso papel diante das situações relacionadas à discriminação contra as mulheres dentro da escola.

1 O que é o feminismo?

Feminismo é um movimento ideológico, político, social e de filosofia, tendo como objetivo a luta por direitos justos e vivência humana por meio do empoderamento feminino, em relação às normas de gênero.

A luta feminista teve início no século 19, em Londres, quando algumas mulheres começaram a se rebelar contra o impedimento que havia, não permitindo às mulheres frequentarem as universidades. As sufragistas eram um grupo liderado por mulheres que lutavam por seu espaço nas universidades, superando preconceitos sobre a capacidade intelectual das mesmas. A educação para mulheres era restrita até determinado nível e os estudos se restringiam a alguns conhecimentos básicos e atividades relacionadas a tarefas de casa como, por exemplo, culinária, técnicas domésticas e o desenvolvimento de boas maneiras.

O feminismo possui diversas vertentes que concebem de forma diferente os direitos das mulheres e as lutas que desenvolvem. Segundo o site “Revista AzMina”, que é direcionado para as mulheres, são seis as vertentes principais:

- feminismo liberal:** cuja principal luta é pelo direito ao voto e pelos direitos de igualdade das mulheres;
- feminismo marxista ou socialista:** marcado pela luta contra a divisão sexual do trabalho e pela derrubada do capitalismo e do patriarcado;

- feminismo interseccional:** que luta contra diversos preconceitos contra as mulheres, principalmente em relação à orientação sexual e as visões machistas que predominam no estado e na sociedade;
- feminismo radical ou *radfem*:** que luta pela abolição do patriarcado, buscando sensibilização sobre a violência contra a mulher, especialmente o estupro;
- feminismo negro:** que busca dar visibilidade às pautas das mulheres negras, como a discriminações e os preconceitos que as mantém submetidas a exploração no trabalho, na vida privada e na vida pública;
- eco feminismo:** que une as questões de gênero com as questões climáticas, da natureza e dos animais. Esta última vertente, devido às mudanças climáticas e a crescente destruição da natureza, passaram a ganhar força no ano de 2020.

Além desta divisão por vertentes, o feminismo é dividido, segundo outros critérios, por ondas. Informações retiradas do vídeo “A luta feminista dentro das escolas” do canal “Jornal O Globo”, apresentam quatro ondas principais do feminismo:

- 1ª onda do feminismo:** século 19 e início do século 20, que foi a luta por igualdade entre gêneros;
- 2ª onda do feminismo:** dos anos 1960 aos anos 1970, caracterizado pela luta pelo corpo e pela liberdade sexual;
- 3ª onda do feminismo:** de meados dos anos 1980 ao início dos anos 1990, definido como a luta pelo reconhecimento das diferenças;
- 4ª onda do feminismo:** momento atual caracterizado pela luta da recusa ao silenciamento através da exposição da violência e da discriminação pelas redes sociais e a exigência da justiça social. Essa última onda ainda está em uma fase inicial e há muito a ser feito para que a justiça chegue a todas as mulheres.

No Brasil, todas essas vertentes e ondas se fizeram presentes, mas sempre recebendo resistências próprias de uma sociedade machista, autoritária e escravocrata. A luta iniciou através da manifestação das mulheres pelo direito ao voto, no início do século XX. O movimento foi liderado por Bertha Lutz, bióloga e cientista que chegou a morar fora do país para estudar. Depois de voltar para o Brasil, na década de 1910, iniciou a luta pelo voto feminino. Bertha contribuiu para a construção da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino e fez campanha pública pelo voto. No ano de 1927, levou para o Senado o abaixo-assinado que pedia a aprovação do Projeto de Lei, de autoria do Senador Juvenal Larmartine, pelo qual era

dado o direito ao voto para as mulheres. Mas foi somente em 1932, com o Estado Novo, que esse direito foi conquistado, promulgado pelo Novo Código Eleitoral Brasileiro.

Ao longo dos anos, diversas lutas femininas marcaram época dentro e fora do Brasil e não podem ser esquecidas. O portal Esporte Clube Pinheiros lista, em ordem cronológica, o histórico das principais lutas femininas:

- 1827:** primeira lei relacionada à educação para as mulheres foi proclamada no Brasil, mas o acesso às escolas elementares era restrito;
- 1832:** ao traduzir a obra de Wollstonecraft, Nísia Floresta apresenta a tradução e suas próprias traduções, sendo considerada a primeira feminista brasileira;
- 1857:** com a morte de 129 operárias queimadas em uma indústria têxtil em Nova York, passou a ser reivindicada a jornada de trabalho de 10h diárias e a licença maternidade. Com isso, no dia 08 de março passou a ser comemorado o “Dia Internacional da Mulher”;
- 1862:** na Suécia, pela primeira vez as mulheres vão às urnas para votar;
- 1869:** nos Estados Unidos foi criada a Associação Nacional para o Sufrágio das Mulheres;
- 1879:** no Brasil as mulheres passaram a frequentar o ensino superior;
- 1885:** Chiquinha Gonzaga se tornou a maestrina brasileira;
- 1887:** Rita Lobato Velho foi primeira mulher a se formar em medicina no Brasil;
- 1893:** na Nova Zelândia as mulheres passaram a ter o direito ao voto;
- 1915:** as mulheres casadas passaram a ter os próprios depósitos bancários através da Caixa Econômica Federal, sem o impedimento dos esposos;
- 1917:** Deolinda Daltro liderou a passeata que exigia o voto estendido para todas as mulheres;
- 1920:** o movimento sufragista aconteceu nos Estados Unidos;
- 1922:** Bertha Lutz fundou a FBPF (Federação Brasileira pelo Progresso Feminino);
- 1923:** no Japão as mulheres passaram a ter o direito de frequentar as academias de artes maciais;
- 1928:** Alzira Soriano de Souza se tornou a primeira prefeita brasileira, na cidade de Lajes no Rio Grande do Norte;
- 1932:** Getúlio Vargas promulgou o novo Código Eleitoral Brasileiro, com isso as mulheres passaram a ter o direito ao voto. Maria Lenk foi à única mulher a ir para Los Angeles na delegação olímpica;

- 1934:** Carlota Pereira Queiróz foi eleita à primeira deputada no Brasil;
- 1945:** foi reconhecida a igualdade de direitos entre mulheres e homens em documento internacional através da Carta das Nações Unidas;
- 1948:** após 12 anos, 11 mulheres foram para as Olimpíadas em Londres;
- 1949:** foi publicado o livro “O segundo sexo”, escrito por Simone de Beauvois que analisou as condições das mulheres;
- 1951:** foi aprovada a igualdade salarial entre mulheres e homens nas funções semelhantes;
- 1960:** a primeira mulher a ganhar quatro torneios olímpicos, Maria Esther Andion Bueno;
- 1961:** foi marcado pela liberdade sexual e revolução dos costumes com a criação da primeira pílula anticoncepcional via oral;
- 1962:** no Brasil, as mulheres casadas passam a ter direito da guarda dos filhos na separação e passam a ter independência em seus casamentos através da aprovação do Estatuto da Mulher Casada;
- 1974:** na Argentina a primeira mulher a se tornar presidente é Isabel Perón;
- 1975:** aconteceu a I Conferência Mundial sobre a Mulher, se tornando o Ano Internacional da Mulher;
- 1979:** no Brasil, Eunice Michilles se tornou a primeira senadora;
- 1980:** foram criados os centros de autodefesa para impedir a violência contra a mulher através do lema “Quem ama, não mata”;
- 1983:** Sally Ride se tornou a primeira mulher astronauta;
- 1985:** para acabar com a discriminação contra as mulheres e para aumentar a participação das mesmas na cultura, economia e política, foi aprovado o projeto de lei que estabeleceu o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, sendo criada também a Delegacia de Atendimento Especializado à Mulher;
- 1987:** no Rio de Janeiro, foi criado o Conselho Estadual dos Direitos da Mulher;
- 1988:** passou a ser garantido perante a lei os direitos e deveres iguais entre mulheres e homens;
- 1993:** Em Viena, foi destacado os direitos e a violência contra as mulheres na Conferência Mundial de Direitos Humanos;
- 1994:** no Maranhão foi eleita a primeira governadora, Roseana Sarney;

- 1996:** a primeira mulher a ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras foi Nélida Piñon;
- 1998:** no Congresso Nacional a primeira mulher a presidir uma sessão foi Benedita da Silva;
- 2003:** no ministério do meio ambiente aconteceu a posse de Marina Silva;
- 2005:** a nova chanceler alemã é Angela Merkel, um fato histórico;
- 2006:** a lei Maria da Penha foi sancionada. Essa lei permite que os homens sejam presos ou tenham sua prisão preventiva caso agridam alguma mulher;
- 2010:** a primeira mulher a se tornar presidente no Brasil foi Dilma Rousseff;
- 2015:** o crime de assassinato contra as mulheres passou a ser considerado crime hediondo pela Lei do Femicídio, sancionada pelo Governo Federal.

Apesar de todos esses progressos, para muitas pessoas falar em feminismo é ainda um tabu, pois ainda há muito preconceito acerca do assunto. Por isso, é necessário compreender que o feminismo deve ser um tema a ser abordado nas escolas, pois só através da educação serão formados cidadãos comprometidos com transformação social e a superação da injustiça que as mulheres sofrem. Deve-se levar para as escolas todas as lutas que tivemos ao longo dos anos para termos nossos direitos e deveres respeitados enquanto mulheres.

Ao abordar o tema feminismo na escola, estamos reconhecendo a necessidade de que as próprias mulheres, como educandas e educadoras, se reconheçam como pessoas com direitos e que toda a comunidade escolar se torne solidária nesta luta. É preciso desenvolver um olhar de respeito e dignificação entre as próprias, lutando para superar o machismo e a visão patriarcal que ainda domina em nossa sociedade. Ao abordar tal tema, ressalta-se a importância da mulher no processo histórico, que muitas vezes é silenciada, discriminada e desvalorizada até mesmo na educação.

2 O feminismo como movimento social nas escolas

A construção do movimento social nas escolas é uma pauta muito importante. Quando se aborda o tema feminismo, que é um movimento social, para o âmbito escolar, estamos quebrando um tabu que nos faz acreditar que falar sobre isso é desmerecer o gênero masculino.

A escola deve fazer com que os alunos transformem a realidade em que as mulheres são vistas como as encarregadas de cuidar das coisas menos importantes. Ou também mudar a visão de que as mesmas são as encarregadas de cuidar dos seus lares e se envolverem com as

atividades de salários inferiores aos dos homens ou, mesmo tendo o mesmo cargo que eles, devem ter um salário menor. Infelizmente, essa visão tem início, muitas vezes, no ambiente escolar, pois o mesmo acaba determinando o espaço das meninas dentro e fora dele. Por isso, como educadores, precisamos abordar o feminismo no âmbito escolar, lembrando que a bandeira feminista, além de ser levantada para as mulheres, é também levantada para os homens, pois o machismo acaba adoecendo ambos os lados.

Na grande maioria das vezes, a situação do machismo na sociedade tem início dentro das escolas, pois é muito comum vermos os meninos serem estimulados na área de exatas e no esporte, e as meninas sendo deixadas de lado, sendo taxadas como inaptas à determinadas atividades consideradas masculinas. Se observarmos bem, a escola realiza um trabalho de discriminação de gênero, fazendo com que as meninas tenham menos prestígio que os meninos.

Carvalho (2001) constata em sua pesquisa sobre gênero que as crianças percebem até em seus boletins a diferença pela qual são tratadas em relação à questão de gênero:

Do ponto de vista das relações de gênero – em suas complexas inter-relações com as desigualdades de classe e raça – parece que múltiplas dimensões da vida escolar e da infância articulam-se na produção desse quadro de maiores índices de fracasso escolar entre pessoas do sexo masculino: as relações de crianças ou jovens entre si, suas culturas e formas de sociabilidade, permeadas por diferenças e desigualdades de gênero; as interações entre professores, professoras, alunos e alunas, marcadas pela presença majoritária de mulheres no magistério, particularmente no início da escolarização; as expectativas e formas de educação diferenciadas estabelecidas pelas famílias para seus filhos e filhas; e, finalmente, as opiniões dos professores e professoras sobre as relações de gênero em geral e seus critérios de avaliação de alunos e alunas.. (CARVALHO, 2001, p. 555).

Ainda de acordo com Carvalho (2001):

[...] No Brasil a pesquisa de Silva e colaboradores fala de meninas percebidas como responsáveis, organizadas, estudiosas, sossegadas, caprichosas, atentas, “mas menos inteligentes”, e de meninos “agitados, malandros, dispersivos, indisciplinados, mas inteligentes”. Já Valerie Walkerdine, a partir de investigação desenvolvida na Inglaterra, comenta a discrepância na avaliação dos docentes diante de meninos e meninas, cujos comportamentos “não são lidos de uma forma equivalente”: enquanto o bom desempenho escolar das meninas era atribuído ao seu esforço, o desempenho inferior dos garotos era percebido como não realização de um potencial brilhante devido a seu comportamento ativo, lúdico. Rob e Pam Gilbert, autores australianos, referem-se a diversos outros estudos que sustentam esses achados, indicando que professores e professoras frequentemente preferem ensinar aos meninos, que são considerados como mais interessantes e mais inteligentes. Da mesma forma, em pesquisa recente conduzida em escolas inglesas, Molly Warrington e Michel Younger descrevem professores/as que, apesar de elogiarem as meninas por sua responsabilidade e compromisso, preferem os garotos, além de estarem dispostos a gastar mais tempo com eles, por considerá-los mais estimulantes, mais vivos na discussão, e mais originais, com opinião própria. (CARVALHO, 2001, p. 561).

Com as citações supracitadas, percebe-se que muitos professores avaliam de acordo com o gênero. Os meninos, muitas vezes, são vistos como inteligentes e superiores em relação às meninas em algumas disciplinas, principalmente as da área de exatas. Também pode-se perceber a questão racial, por isso a importância de incluirmos o feminismo negro nas escolas, pois as meninas negras são as que mais sofrem discriminação, sendo deixadas de lado. O feminismo não é e não deve ser somente para meninas brancas. A escola acaba se tornando um espaço machista e racista com essas práticas que precisam ser analisadas e combatidas urgentemente.

Outra questão que ocorre com frequência são os assédios, que geralmente a sociedade tende a culpar as vítimas, pois, segundo a visão de grande parte da sociedade, as roupas das meninas chamam a atenção e, dessa forma, expressam as seguintes imagens: os meninos sempre serão os predadores, os que podem tudo, enquanto as meninas devem sempre se proteger dos mesmos, vivendo com medo e até mesmo tendo comportamentos nos quais não se sentem confortáveis.

É importante que o ambiente escolar trabalhe com o tema feminismo com esclarecimento, e não de forma oculta como é feito no dia de hoje, ou seja, com o currículo oculto, onde algumas formas e crenças são trabalhadas frequentemente e essas pautas são deixadas de lado. As escolas devem cumprir o papel de passar informações aos jovens, lembrando que o ativismo e a prática pedagógica são duas coisas bem diferentes.

Feminismo e igualdade de gênero não são conteúdos do currículo, apenas aparecem indicados como temas transversais. Os conteúdos importantes são: língua portuguesa, matemática, ciências e afins. Isso revela uma subestimação dos temas como feminismo, direitos das mulheres, igualdade de gênero, fazendo com que os alunos não tratem de temas que são fundamentais para a vida.

3 Proposições para o desenvolvimento de uma educação feminista: a curricularização da questão feminista e a formação para a igualdade de gênero

Para que essas discussões ganhem espaço, é necessário que seja levado até os professores em suas formações o assunto, procurando sempre produzir material para a fundamentação e a promoção dos debates e reflexões. O papel que a escola tem é refletir sobre o seu trabalho e os discursos que ela mesma produz. A escola precisa avaliar até onde pode e deve desconstruir os discursos que produz e necessita constituir um espaço para discutir temas como a sexualidade e as questões de gênero.

Para Louro (1994): “Joan Scoot constrói a sua definição de gênero [...]. Afirma inicialmente que o gênero é um elemento construtivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos”.

A questão do gênero precisa ser trabalhada nas escolas, pois é notável como as diferenças entre homens e mulheres na nossa sociedade ainda está presente, mesmo com as mulheres tendo conquistado seus direitos e deveres ao longo dos anos, ainda há preconceito e ainda são tratadas com indiferença por muitos.

O papel da educação para que haja a igualdade de gênero é primordial, pois é importante que a escola esteja bem preparada para discutir sobre a temática. Ao trabalhar a questão de gênero é importante causar uma reflexão, por mais que já tenhamos conquistado muitos direitos ainda temos que conviver com algumas desigualdades.

Através dessas discussões é possível fazermos com que a mulher saia do espaço privado (seu lar) e possa frequentar o espaço o público. Para ser possível trabalhar o assunto, é importante levar até a sala de aula diferentes atividades, como, por exemplo, dinâmicas, livros didáticos, contos, histórias, teatros e oficinas para que os alunos possam desenvolver consciência sobre o que está sendo trabalhado e assim, de forma lúdica e esclarecida, fazer com que todos tenham conhecimento sobre o tema.

Sabemos da importância da discussão de gênero nas escolas, mas ainda o assunto é tabu para muitos e por isso na maioria das vezes acaba sendo retirado dos planos. Levando essa discussão para a escola não se está debatendo a questão biológica, e sim a social. Nosso dever é fazer com que os alunos entendam que somos iguais, temos os mesmo direitos e deveres, e através disso estaremos desenvolvendo e emancipando indivíduos.

Nós, professores, sempre temos que lembrar que educar é um ato político, mas isso não significa que estamos falando da política partidária, e sim dos direitos que nos rodeiam.

O feminismo na escola tem grande importância para todos. Por isso, em muitas escolas, meninas formam grupos para discutirem sobre o assunto. Professores apoiam essa ideia, pois assim, estando juntas, combatem assédios e opressões sexistas. Esses grupos movimentam as escolas mudando a realidade da mesma. O coletivo dá mais força para o combate ao machismo.

É sempre bom ressaltar que, para que esses movimentos sociais tenham mais voz dentro das escolas, é necessário que existam os grupos de estudantes, conhecidos como os “Grêmios Estudantis”. Quando não existem esses grupos nas escolas significa que os alunos não estão tendo espaço para expressarem as suas ideias e, por conta disso, a probabilidade de aprender é bem menor.

A escola precisa trabalhar com a questão do corpo feminino, usando como exemplo a questão da menstruação que é algo natural de todas. Sabemos que muitas famílias não conversam sobre o tema com suas filhas, sobrinhas ou netas e essas acabam tendo dúvidas e quando acontece pela primeira vez não sabem lidar. Na escola, o assunto menstruação só é trabalhado como conteúdo quando estudamos sobre o corpo humano e, na maioria das vezes, é visto como algo repugnante, pois se trata de sangue. Muitos professores não tratam do assunto de maneira apropriada, tratando como um fato normal, mas ao mesmo tempo cultural, fazendo com que as meninas se sintam confortáveis com o que acontece com os seus corpos.

Através disso, aborda-se outro ponto importante: os banheiros femininos nas escolas, na grande maioria das vezes, é deixado de lado, pois não são disponibilizados absorventes para as meninas, que não estão preparadas para o fato da menstruação. A condição feminina não é levada em consideração na escola e por isso continua sendo tratada como um tabu. Também não é necessário lembrar da importância dos avisos motivacionais e informativos nos banheiros e também nas demais das paredes das escolas, pois muitas garotas sofrem violência sexual, violência física, violência moral e violência psicológica.

A educação nas escolas não está contribuindo de maneira satisfatória com o seu papel para a transformação das relações a sua volta, ao contrário, passou na maior parte do tempo reforçando a discriminação das mulheres.

Segundo Brabo, “(...) a luta pela ampliação da esfera pública no campo educacional está intimamente ligada à ampliação do público em todas as esferas da sociedade bem como essa ampliação está condicionada, em parte, à possibilidade de, também na escola, haver práticas de exercício de cidadania.” (2008, p. 161).

Vale lembrar que a educação e a formação humana, enquanto práticas constituídas pelas relações sociais, não avançam naturalmente, mas através de um conjunto de práticas sociais fundamentais, dentre elas, a prática pedagógica e as relações sociais que ocorrem na escola.

Falar sobre feminismo na escola não significa desmerecer o gênero masculino, pois não é isso que o feminismo busca. O feminismo busca igualdade nos direitos e deveres entre os gêneros e combater o machismo que, na maioria das vezes, inicia nas escolas. Nós mulheres queremos uma sociedade igualitária onde somos as protagonistas, por isso é importante que a escola trabalhe desde cedo o feminismo e todo seu contexto.

Considerações finais

O artigo apresenta três pontos importantes de estudo, que nos auxilia na discussão sobre o feminismo nas escolas. No primeiro capítulo, são abordados assuntos explicando o que é o feminismo, suas vertentes, suas ondas e sua história dentro e fora do Brasil. Entende-se a sua importância e o porquê falar tanto sobre ele no dia a dia. Vale ressaltar que o feminismo é uma luta que já tem uma longa história, mas que seus desafios continuam nos dias atuais.

No segundo capítulo, abordou-se a questão do feminismo na escola, destacando a necessidade de que a escola trabalhe tal problema, levando em consideração que a escola é um lugar em que, muitas vezes, práticas e compressões antifeministas se desenvolvem. As situações diárias que muitas vezes nos acostumamos podem revelar atitudes machistas e discriminatórias, sem que haja reação contra elas. Essas situações são perversas, pois fazem com que as meninas saiam da escola acreditando que sempre serão mais frágeis que os meninos, passando a acreditar que não são capazes de fazer aquilo que os meninos fazem. Incorpora-se, com isso, um sentimento de inferioridade e de dependência, o que alimenta o machismo, a discriminação e a violência.

Já no terceiro e último capítulo, foi explicado o que devemos fazer para contribuir com o empoderamento feminino na escola, nosso papel como educadores, buscando uma igualdade entre os gêneros, sem desmerecer nenhum - principalmente as mulheres, pois somos as que mais sofremos diante dessas situações.

O feminismo tem um histórico grandioso, marcado por lutas envolvendo mulheres de diferentes etnias e idades. Se hoje temos os nossos direitos e deveres na lei é por conta de outras mulheres que lutaram antes de nós. Por isso, precisamos ressaltar a história das lutas das mulheres no decorrer dos anos e dar continuidade a essas lutas.

De acordo com as pesquisas e estudos realizados para a elaboração deste artigo, concluo, como acadêmica de pedagogia e feminista, que os movimentos sociais voltados ao tema do feminismo devem ser tema pauta nas escolas. A escola precisa enfrentar os preconceitos que são alimentados relativamente à condição da mulher em um mundo machista e discriminatório. Digo isso pois vivenciei muitos momentos de opressão como aluna e estagiária.

Considerando esta situação, cabe a nós professores entrar em ação, mudar a visão dentro e fora da escola, mostrar que as pessoas de todos os gêneros são capazes de aprender matemática, português e ciências e serem competentes nos esportes. Lembrar que azul pode ser cor de menina e rosa cor de menino. Que as meninas podem jogar futebol e brincar de carrinho enquanto os meninos podem brincar de boneca e de casinha.

Por isso, nossa luta deve ser diária e levada para todos os lugares. Ser feminista não é uma “moda” que você veste por um tempo e depois deixa de lado. Feminismo é uma luta diária, não só pelos meus interesses, mas de outras mulheres que estão ao meu redor. A questão do feminismo é uma luta nossa como professores e como alunos. Que sejamos todas livres e que possamos ter voz em todos os âmbitos, iniciando na vida escolar.

Referências

- BRABO, Tânia Suely Antonelli Marcelino. **Educação e democracia: o papel do movimento feminista para a igualdade de gênero na escola.** São Paulo: Faculdade de Filosofia e Ciências Brabo - Universidade Estadual Paulista, 2008.
- CARVALHO, Marília Pinto de. **Mau aluno, boa aluna?** Como as professoras avaliam meninos e meninas? Pernambuco: Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco, 2001.
- COLÉGIO CRISTO REI. **O papel da escola e da família para a igualdade de gêneros.** São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=N5ji2ik4WII>. Acesso em: 22 set. 2020.
- EDUCA PLAY. **Dia-a-Dia Educação: Relações de Gênero na Escola.** Bahia, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=y1fDkuGrJzw>. Acesso em: 21 de setembro de 2020.
- ESPORTE CLUBE PINHEIROS. **Principais lutas e conquistas das mulheres ao longo da História.** 2020. Disponível em: <https://www.ecp.org.br/principais-lutas-e-conquistas-das-mulheres-ao-longo-da-historia/>. Acesso em 11 de novembro de 2020.
- FEMINISMO E A EDUCAÇÃO EM MOVIMENTO. Entrevistadora: Aline Hack. Entrevistadas: Gina Vieira, Rayane Soares. **Olhares.** Podcast, 16 de fevereiro de 2016. Podcast. Disponível em: <https://olharespodcast.com.br/ep-022-feminismo-e-a-educacao-em-movimento/>. Acesso em: 21 set. 2020.
- GLOBO, Jornal. **A luta feminista dentro das escolas.** Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=i7Odv-QN43I>. Acesso em: 19 abr. 2020.
- GODINHO, Eliana; SILVA, Márcia Alves da. **A construção de uma pedagogia feminista latinoamericana na perspectiva da educação popular.** Florianópolis: Seminário Internacional Fazendo Gênero, 2011,2013.
- LOURO, Guacira Lopes. Uma leitura da história da educação sob a perspectiva de gênero. Projeto História. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História,** São Paulo, v. 11, 1994.
- PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. **Rev. Sociol. Polit.,** Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, 2010.

ROSEMBERG, Fúlvia. Educação formal, mulher e gênero no Brasil contemporâneo. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 515-540, 2001.

WIKIPEDIA. **Feminismo**. 2020. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Feminismo>. Acesso em: 19 abr. 2020.